

EDITORIAL

Sócrates, famoso filósofo grego, é conhecido pelos seus muitos debates e linhas de pensamento. Ele é frequentemente citado quando discutimos a respeito de filosofia ou sociologia, o eterno questionamento sobre o “ser” humano. Sócrates também é lembrado frequentemente por sua rejeição a linguagem escrita, já que, para o filósofo que havia nascido e sido criado em uma época onde a oralidade era consagrada, o registro de dados, informações e histórias em diferentes suportes enfraquecia o mais importante: a mente.

Sócrates acreditava que a escrita nos tornava preguiçosos, que a partir da ausência da necessidade de se recordar de tudo que era dito, e da facilidade de se registrar o que acontecia, a mente padeceria. Por sua vez, Platão, filósofo igualmente citado e lembrado por suas obras, não via a escrita como uma destruidora de consciência, ele acreditava que a mesma era apoio para a divulgação do conhecimento. Que a partir da oportunidade de registro, criava-se mais possibilidades de expansão do conhecimento, já que não haveria mais tanta necessidade da recordação.

Ainda assim, Platão – em suas reflexões – divagava sobre a confusão comum (que se dá ainda nos dias atuais) de que somente a leitura da informação escrita seria necessária para o desenvolvimento do conhecimento. No estudo da educação, somos frequentemente lembrados do termo ANAMNENSE que pode ser associado a recordação, ou então aquele pensamento clareador que surge em um momento de indecisão e dúvida. Para Platão, o desenvolvimento do conhecimento, baseado na educação, era construído através da recordação da alma – ou seja – dos conhecimentos prévios que habitavam a mente e consciência do ser. O que ele relatava em seu discurso foi o que mais tarde na pedagogia nós atribuímos as situações anteriores que cada aprendiz havia vivenciado e impactavam diretamente na construção de um novo ensinamento.

A reflexão que quero causar em você leitor é a seguinte: nunca, jamais, é criado o mesmo conhecimento. Pessoas diferentes absorvem e desenvolvem os conhecimentos de maneiras distintas, e é a partir disso que são gerados pontos de vista diferentes, que opiniões são formadas. A beleza da ciência está em seus

embates, suas multi facetas. Ao se construir um periódico, uma revista científica, o que nós buscamos é justamente alimentar o debate. Prover de informação para desenvolvimento de conhecimentos diferentes e esclarecedores; promover o pensar fora da caixa e do que é básico, claro e simples.

Em dez anos de publicação a Revinter sempre buscou com excelência atingir esses objetivos, e em nossa empreitada para a melhoria continua e elevação da qualidade de publicação, enfrentamos desafios diários que foram e são superados pela busca constante de uma sociedade mais bem informada sobre o risco químico, toxicológico e ambiental.

E é por todo esse trabalho que construímos juntos que dedicamos a você, leitor assíduo de nosso periódico, esse novo número. Esperamos sinceramente atender mais uma vez ao que nos é solicitado, e entregamos esses dados, leituras e revisões para seu próprio desenvolvimento de conhecimento, este único e imensurável.

Andrezza Camera,

São Paulo, 17 de outubro de 2017.